REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º a entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

25.º Anno — XXV Volume — N.º 863

20 DE DEZEMBRO DE 1902

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

AUGUSTO DE LACERDA

CHRONICA OCCIDENTAL

Elrei sr. D. Carlos, regressou no dia 16 da sua viagem ao estrangeiro, havendo-se demorado cerca de dois mezes por Paris, Londres e Madrid

Festejou-o Lisboa no seu regresso e até o dia se lhe mostrou propicio depois da muita invernia com que dezembro nos tem mimoseado, o que daria pelo menos dez sonetos a um poeta da Arcedia que no facto veria uma intervenção indiscutivel dos deuses mythologicos.

Foram tantas as provas de sympathia recebidas pelo sr. D. Carlos dos povos e chefes de estado dos paizes percorridos, que já a ninguem é licito pôr em duvida que da viagem regia algum beneficio devemos esperar.

Acclamado em Paris e em Inglaterra, apesar do seu incognito, acolhido em Hespanha com o maior carinho, nas estações portuguezas onde o comboio real teve de fazer paragem, em todas recebeu El-rei testemunhos do maior respeito e consideração. A sua chegada a Lisboa foi entre festejos vendo-se na estação do Rocio numerosissima concorrencia, levantando vivas á familia real portugueza.

E' certo que em 1903 El-rei de Hespanha, D. Affonso XIII, virá a Lisboa pagar a visita que este anno lhe foi feita pelo sr. D. Carlos.

O mesmo se affirmou de El-rei de Inglaterra e do Imperador da Allemanha.

Já se trabalha no paço de Belem para alojamentos de D. Affonso e sua comitiva.

A viagem está officialmente decidida para a primavera proxima, conforme declarações do sr. Silvela, presidente do conselho.

Affirma-se que, entre outros festejos com que será recebido o monarcha hespanhol, haverá em Lisboa uma revista militar das forças da guarnição, que deverá constar de dez mil homens com dois mil cavallos e umas cem peças de artilharia.

Da resolução de tantos problemas referentes ás nossas colonias se preoccupam hoje os homens de estado e diplomatas, não só portuguezes, mas do mundo inteiro, que não é para admiração que em toda a Europa fosse discutida e commentada a viagem de Elrei de Portugal e a recepção que lhe fizeram o presidente da republica franceza, o monarcha poderoso, Rei de Inglaterra e Imperador das Indias, e o rei da nossa visinha Hespanha, que com o seu convite tanto demonstrou desejar rivalisar em attenções com os chefes de tão poderosos imperios coloniaes.

Tudo é para nós motivo para nos esperançarmos n'um melhor futuro.

Voltou da China o sr José de Azevedo Castello Branco e, segundo se diz, resultarão do seu trabalho grandes beneficios para a provincia de Macáo.

Terminaram as festas, que foram alegres, que muito alegres foram sobretudo para muitos pobres contemplados com senhas para as cosinhas economicas, onde a concorrencia deu cabo de braços e pernas de todos os empregados.

Para tantos a quem escasseia muitas vezes o pão seria pouco effectivamente se só lhes dessem a musica das muitas philarmonicas que vieram de fóra para animar a população de Lisboa, o que é desagradabilissimo para os ouvidos dos que teem o estomago vasio.

O praso para validade das senhas foi prorogado e mais uma vez a caridade de Lisboa levou um bocadinho de contentamento a muitos desgraçados

Não havia rico que tivesse uma hora de tristeza, lembrando-se de quanta alegria pode levar a outros mais desfavorecidos.

Saber que uma familia inteira o abençoa não lhe será melhor para o coração, não lhe dará maior contentamento á alma, do que sentar a familia n'um camarote de primeira ordem, na recita de abertura de S. Carlos? Estou que sim. Creio tambem que uma sopa quente, um prato de carne, umas hervas e uma fructa, fizeram cantar a meia duzia de creancinhas uma canção de graças de muito maior valia que os duettos de prima dona e tenor tragicamente desempenhados na melhor opera do mundo. Houve lá nunca na platéa de S. Carlos enthusiasmo egual ao d'uma centena de mendigos a quem a irmãzinha entregou as tigellas do caldo! Tomára o sr. Pacini! Tomára elle que os dilettanti assim lhe engolissem as arias todas, com o mesmo sorvo guloso!

Abre S. Carlos quando o inverno é mais rigoroso e quando o pobre mais soffre. Abriu S. Carlos e os pobresinhos tiveram menos frio; andou bem a caridade.

Para os de vida elegante em Lisboa começou agora a grande epoca. A orchestra do theatro dá-lhes o signal de acordar. A estreia da companhia deixou satisfeitos os assignantes. Ora até que emfim ha mais um assumpto de palestra, visto que os politicos ainda andam disseminados por todas essas provincias á espera que abram as côrtes.

D'aqui a quinze dias já a gente os vê subir vagarosamente a Calçada dos Paulistas á hora do sol posto, em grupos cavaqueando á porta da Havaneza, ás mezas redondas chamando a attenção dos commensaes com dispendios de rhetorica que não fazem em S. Bento.

Os que por ahi mais gostam de politicar vão-se entretendo com o aperitivo dos telegrammas de Venezuela e discutindo o procedimento das potencias europeas, Allemanha, Inglaterra e Italia,

commentando os discursos violentos do presidente Castro e o proceder provavel dos Estados Unidos. Volvem a falar em Monroe e prophetisam sobre o mundo futuro, satisfeitos do olho vidente com que os dotou a Providencia.

De quando em quando, dão um descançosinho á politica de campanario em que são mestres e, como falam do que ha de succeder d'aqui a dois ou tres seculos, dissertam de papo, sem receio de que os desmintam.

Um gabava-se de ver longe e dizia: — Prophetizei a queda do ministerio Fontes cinco dias antes e elle cahiu tres dias depois.

Comquanto os jornaes progressistas recebessem os decretos dos novos caminhos de ferro em Africa com artigos que não annunciam violencias de opposição, é possivel que estes venham a dar em cavallo de batalha, depois que as camaras funccionem, por isso que o governo os publicou tão poucos dias antes que abrissem.

Ao vermos no mappa a extensão das novas linhas, lembrou-nos que d'aqui a poucos annos deixará de ser disparate o que disse um janota de Lisboa ao saber das primeiras façanhas de Serpa Pinto: — Atravessar a Africa, grande coisa! Paguem-me os caminhos de ferro e os hoteis e vou fazer o mesmo!

A Lisboa de inverno está completa. Todos os theatros estão abertos e falar-se-ha de bailes e festas em todos os centros mundanos, sobretudo se se realisar a jornada do rei de Hespanha.

O carnaval será este anno differente — e Deus o queira — do do inverno passado. Assim tratam de organisal-o, com accordo do sr. governador civil, um grupo de homens de bom gosto.

E o que se diz. Mas não lhes faltará que fazer para desarreigar certos costumes sujos, fóra dos quaes muitos não sabem ter espirito.

Veremos o que são capazes de imaginar que torne esses tres ou quatro dias um pouco differentes para melhor de todos estes que vivemos n'esta vida triste.

Quem gosa agora são os gatunos portuguezes satisfeitissimos, fóra das olhadellas inquietas da policia, desde que os collegas hespanhoes são accusados de todos os roubos que se praticam em Lisboa e Porto. Como de gloria são pouco ciumentos, teem levado ultimamente uma vida regalada. Um d'elles roubou um lenço, é preso um hespanhol; outro deita mão a uma carteira, lá vae um hespanhol para a esquadra; arromba-se uma porta, foi um hespanhol; uma loja fica limpinha, outro hespanhol é que foi. Sempre hespanhoes para tudo!

E o caso é que elles e as bexigas teem sido o grande terror d'estes ultimos tempos.

João da Camara.

AUGUSTO DE LACERDA

O primoroso escriptor, de que hoje infileiramos o retrato na vasta galeria do Occidente, tem o seu nome ligado a varias producções litterarias de valor quer as apreciamos no palco, quer no livro, pois de umas e de outras conta Augusto de Lacerda.

O seu ultimo livro publicado, *Judas*, mereceu o favoravel acolhimento da critica, e na bella revista *A Chronica* encontramos um artigo a respeito do seu auctor, firmado por Xavier da Cunha em que faz a justa apreciação de Augusto de Lacerda.

Eis o artigo:

«Filho de uma talentosa actriz e de um distincto dramaturgo (tambem actor de muito merecimento), — o sr. Augusto de Lacerda contrahiu no berço a herdada obrigação de opulentar as lettras portuguezas com os saborosos fructos do seu formoso ingenho. A esse indeclinavel dever tem elle profusamente correspondido, — já fazendo-se applaudir nos palcos dos nossos theatros como escriptor esmerado, — já publicando romances, contos, e livros de versos.

A resenha bibliographica, por que se justifica esta minha asserção, brilha simultaneamente pela quantidade e pela qualidade.

Em Lisboa no Theatro de D. Maria II *A Flôr dos Trigaes* (comedia em verso), *Aspasia* (drama em quatro actos), *Samuel* (outro drama), e *A Tesoura* (um gracioso monólogo); no Theatro do Gymnasio *A Charada* e a comedia em tres actos *Casados-solteiros;* no Theatro do Principe Real *O Vicio* (drama em cinco actos); publicados) em livro, os contos que trazem por titulo *A Pança*, os versos da *Religião do Amor*, *A Lei da Exautoração Militar*, *O Juizo Final*, *O Rabbi da Galiléa* (que na «Folha da Tarde» se estampou em folhetins, — devendo agora mui brevemente sahir em volume autonomo de luxuosa edição, illustrado por desenhos de Manuel de Macedo e Gameiro): — esses e outros productos da sua lavra que por abreviatura deixo aqui de mencionar, constituem lhe já no horizonte litterario uma refulgente constellação.

Nos seus mais aprimorados lavores destaca-se uma pronunciada tendencia para se apaixonar pelos assumptos biblicos, quer sejam colhidos nas scenas dramaticas do «Velho Testamento», quer nas paginas sublimes do «Evangelho».

E que admira? Não teem sempre os maiores poetas das edades modernas incontrado na «Biblia» uma incantadora suggestão?

Nessa impolgante inspiração se filia o ultimo producto que tenho presente do fertil escriptor. *Judas* se intitula esse livro, — um «romance lyrico em quatro jornadas»: e é seu protagonista aquelle infeliz e desorientado discipulo, que em desvarios praticou a mais horrenda ingratidão de que ha memoria, atraiçoando cobardemente o amoravel Mestre, e buscando afinal no infamante suicidio o epilogo proprio de tão negro procedimento. A causa motriz, porém, da infamia perpetrada por Judas de Karioth, quiz o sr. Augusto de Lacerda incontrál-a, não em sordidos interesses do metal vilissimo, como das narrativas evangelicas parece geralmente deprehender-se. mas em um sentimento mais explicavel pelas irrequietas paixões do humano organismo, imbora não menos condemnavel nas suas criminosas consequencias

Judas, atraiçoando aleivosamente o divino Rabbi da Galiléa, obedece, no sentir do sr. Augusto de Lacerda, ás propulsões de um violentissimo ciume, ao ver-se desattendido e menosprezado pela formosa Maria, que sobre os pes de Jesus derramava finas essencias e preciosos perfumes.

São todos em verso os dialogos e os monologos d'esta obra dramatica, litterariamente architectada á maneira do «Fausto» de Gœthe. E o que nos monologos ou nos dialogos não podiam dizer os personagens do drama, reservou-se o auctor para expôl-o em prosa nas desinvolvidas e suggestivas rubricas de que vem acompanhado o poema.

Delicadissimo na sua concepção, e talvez inicialmente inspirado pelas «Memorias de Judas» do Petrucelli della Gattina, sem que todavia em ponto algum possa notar-se-lhe um vislumbre de plagio ou de imitação siquer (inclusivamente porque o Judas do auctor portuguez em nada se parece com o de Petrucelli), — o livro do sr. Augusto de Lacerda, que ao mesmo tempo é um romance, um poema, e um drama, representa-nos uma phantasiosa e mimosa combinação de mysticismo e naturalismo.

Ha nelle, a par de movimentos tragicos e de negrumes tetricos, suavidades de um lyrismo ineffavel que faz lembrar o «Cantico dos Canticos», — e d'essa inestimavel joia se nos offerecem alguns trechos deliciosamente adaptados:

«E' formoso o meu amante,
Formoso como nenhum,
E como o cedro elegante...
E' formoso o meu amante,
Formoso como nenhum...

«São de perfumes e odores
Suas faces purpurinas,
Dois ramalhetes de flores ..
E suas mãos dois primores
Das pedrarias mais finas.

«O seu corpo deslumbrante
Do marfim o brilho tem...
— Eu aqui... Elle distante...
Onde está o meu amante,

Filhas de Jerusalem?»

E mais adeante, não menos deleitoso, este segundo fragmento do incomparavel idyllio:

«Es formosa entre as formosas!
Como tu não ha nenhuma!
Tens no rosto duas rosas...
E's formosa entre as formosas!
Como tu não ha nenhuma!

«Duas pombas tens no olhar
Onde transluz a bondade.
Os teus cabellos sem par
Fazem-me sempre lembrar
As cabrinhas de Galaad...

«Tua bocca è tão fagueira!
Quando sorris com ternura,
Julgo ver n'uma ribeira.
Unidinhas em fileira,
Ovelhas de casta alvura!

«Oh! que suaves martyrios
Em tuas caricias francas!
São teus seios — que delirios!
— Como duas corças brancas
A pastarem entre os lirios!»

Disse eu que Judas era o protagonista no drama delineado pelo sr. Augusto de Lacerna. Mas... intendâmo-nos... protagonista apparente.

O verdadeiro protagonista, aquelle em tôrno do qual decorre e palpita a dramatica acção do poema, — esse, muito imbora não appareça visivel aos olhos corporaes do espectador, é, nem mais, nem menos, do que o Divino Mestre. Mas se aos olhos corporaes dos assistentes elle se conserva apparentemente invisivel, os olhos do espirito facilmente o descortinam como centro virtual, centro luminoso, em redor do qual tudo alli se move e tudo se agita.

As proprias feições, physicas e moraes, do sublime Evangelisador, transparecem nitidas e scintillantes na fala dos interlocutores. E senão... é ouvirmos este pedacinho de um diálogo entre os dois irmãos Eleazar e Maria:

Eleazar

A sua mão convulsa,
Brandindo um azorrague, os vendilhões expulsa
Para longe do sitio ás preces consagrado...

Maria

E o seu falar mormura ás vezes tão magoado!...
— Regenera a mulher atreita ás bacchanaes
E que mercadejava as graças corporaes;
Ascende até o amor aos pôbres, ás creanças,
Aos tristes e aos nus, e dá mil esperanças
N'um reino que elle sabe e que ninguem conhece...

Eleazar

Quando, porém, troveja irado, mais parece
Que vibra no seu peito a propria voz de Deus!

Dir-se-hiam reminiscencias d'aquella celeberrima epistola attribuida a Publio Lentulo, em que vem o retrato de Christo.

Oiçâmos ainda algumas palavras do inolvidavel diálogo entre a irman de Gamaliel e Claudia (a esposa de Poncio Pilatos):

Maria *(docemente)*

....
Vou falar-te de um ser, todo candura...

Claudia *(zombeteira, petulante)*

O heroe do teu poema?

Maria *(animando se pouco a pouco)*

Heroe, disseste bem, mas que rejeita
O gladio vingador,
E que tem na palavra uma arma affeita
A' bondade, ao amor...

Ouvindo-lhe o fallar tão meigo e doce
Que de manso deslisa,
Perfumado, subtil, como se fosse
O perpassar da brisa.
As almas estremecem, de sentidas,
E ficam se amorosas,
Desabrochando trémulas, floridas,
Como botões de rosas!
....

Mas... não me sobra espaço para transcrever aqui todo o poema. Vou portanto concluir, limitando-me apenas a felicitar enthusiasticamente o poeta.»

Bibliotheca Nacional de Lisboa
15 de outubro de 1902

Xavier da Cunha.

LUIZ DA SILVA

Luiz da Silva, esse modesto rapaz, que nem todos conhecem, é bem digno da honra que o Occidente lhe presta n'este numero. Como todo o lisboeta, que se preza, adora a alface e os toiros; mas, acima de tudo, adora as letras e os artistas; mais ou menos republicano (em inactividade permanente) admitte comtudo a realeza do talento, e diante d'ella se curva reverente. Sem uma revista, que dirija, não comprehende a vida: se ellas não existissem desde ha seculos, seria elle o seu inventor. Assim, o vimos dirigir, com fino critério, o *Gabinete dos Reporters*, de que elle mesmo foi um dos mais distinctos collaboradores, e onde, a par de escriptores novos, que se lhe antolharam aproveitaveis para as letras patrias, soube aggre-

miar os mais conhecidos litteratos portuguezes, com nomes feitos, e de reconhecida fama, como João de Deus, Simões Dias, Guerra Junqueiro, Candido de Figueiredo, Christovam Ayres, e muitos outros. Com a *Chronica*, porém, revista mais accentuadamente litteraria, e que substituiu aquella, os serviços por elle prestados á nossa litteratura são incalculaveis e dignos do maior elogio. Essa modesta revista, já conhecida no estrangeiro, é indubitavelmente a mais bem feita e mais litteraria do paiz. Quem revela talento, ou quem o promette, ahi tem entrada, com boas palavras de incitamento, e ahi recebe o baptismo de iniciação, muitas vezes em nome do Mundo, do Diabo e da Carne, para o seu ingresso na religião profana da arte e das letras. Luiz da Silva, porém, que conhece a fundo o meio em que vive, viu que uma revista, que tivesse por unicos collaboradores os *novos*, não viveria dous mezes, e isto porque não só os leitores d'este paiz, como os de todos os outros, desadoram gastar dinheiro e tempo com litteratura de principiantes, e, têm razão. Assim, e com o seu fino bom senso, chamou a si todos os escriptores, homens e mulheres de letras, amados do publico, os quaes, ao seu appêlo, generosamente accorreram, e o têm ajudado e aos seus collegas, de modo que a boa da *Chronica*, cujo exito cresce de dia para dia, hade ficar como um dos melhores repositorios da evolução litteraria de nossos dias.

Luiz da Silva, porém, não é unicamente um operario, ou artista, por assim dizer, mecanico das letras; é tambem um artista, no sentido elevado d'esta palavra. Terminado o curso dos lyceus, teve de renunciar, pela morte de seus pai, aos estudos maiores, a que se destinava, e corajosamente se lançou na vida precaria e accidentada do jornalismo, onde, com brio, mais ingloriamente, se desempenhou dos serviços que lhe eram incumbidos. Ha annos publicou um livro de versos, intitulado: *Nebulosas*, cuja edição se acha esgotada. N'esses versos, como nas suas traducções de Campoamor, faltam apenas os *coulis* francezes, que os modernos paladares derrançados, requisitam, para que fossem trombeteados pela critica aos quatro ventos do ceu; mas são versos discretos, quanto aos assumptos, harmoniosos, geralmente bem feitos, e cuja leitura nos deixa uma ténue, mas agradavel impressão. Na publicação periodica: *Gotas de Chypre*, Luiz da Silva mostrou-se tambem como em muitas traducções e escriptos originaes, um excellente prosador, de modo que, moço ainda, — pois que a mocidade, segundo Varrão, protrahe-se até aos quarenta annos, e elle ainda os não attingiu, — se muito já tem feito, muito ha ainda a esperar que faça, com o que muito folgarão as letras patrias e os seus numerosos admiradores.

11 — 12 — 902. *João Penha.*

AS NOSSAS GRAVURAS

BEIRA — HOSPITAL RAINHA D. AMELIA

Ao instalar-se a companhia de Moçambique na Beira, um dos seus primeiros cuidados foi tratar da saude publica.

Para esse fim contractou logo um medico e organisou um hospital n'umas barracas onde estivera o commando militar de Aruangua. Isto foi em 1892-1893.

Não tardou muito, porém, que se reconhecesse a insufficiencia d'aquelle hospital, e em 1894, resolveu o Governo do Territorio construir um edificio apropriado, em alvenaria com a forma rectangular e com as dimensões de 30m × 14,m 4, todo rodeado de varandas e disposição ao mar.

É este o hospital denominado da Rainha D. Amelia, que foi devidamente organisado e dotado de mobilia propria, instrumentos de cirurgia, botica, etc. Os serviços que tem prestado á população são importantes e o seu movimento de doentes de anno para anno mostra claramente a grande utilidade d'este estabelecimento, onde até fins de 1896 tinham recebido tratamento 3:078 doentes, sendo 1265 portuguezes, 307 inglezes, 99 europeus de outras nacionalidades, 30 asiaticos e 1:371 africanos. A boa organisação dos serviços de saude publica na Beira tem concorrido para sanear quanto possivel a povoação, melhorando-a consideravelmente, e defendendo-a de epidemias da localidade ou importadas, para o que se estabeleceu um lazareto fluctuante em um pontão, no porto e outro terrestre na Ponta Gea. O hospital da Beira está sob a direcção do sr. dr. José Araujo de Lacerda. O Governo do Territorio creou tambem um Laboratorio Bactereologico, que está a cargo do sr. dr. Magalhães Lane. A repartição dos serviços sanitarios está a cargo do sr. dr. Paiva Pinheiro. O chefe da Sanidade Maritima é o sr. dr. Belleza da Costa.

Estabeleceu ainda o Governo do Territorio um hospital em Macequece, dirigido pelo sr. dr. Mendes Callado; e uma enfermaria em Sena, dirigida pelo sr. dr. Xavier de Brito. Com estas providencias sanitarias, dissemos que tem melhorado consideravelmente a saude publica e diminuido a mortalidade, e de facto, pois que paga esta ultima em 1898 o movimento hospitalar accusou 92 por 1:000, numero que em 1899 baixou a 59 por 1:000.

TYPOS INDIGENAS DA ZAMBEZIA

Os indigenas da Zambezia dividem se em tribus, de que as principaes são: Mocarangas, Tougas, Zulos. Estas tribus devidem-se ainda em outras como: manicos, ba-nyai, va-nhai, muteve ou uteve, em relação aos Mocarangas; bitougas botougas, maklengues e landins, ma-chengua ou vachangoe, babuende ou vao kaa, vadanga, em relação aos Tougas; mangurre ou vatuas, em relação aos Zulos.

Tratando dos usos e costumes d'estes povos, principiaremos por dizer que tem estabelecida a polygamia. Do regimen politico só conhecem o despotismo. Os casos da justiça são resolvidos pelas provas do ferro em braza, da agua quente e do veneno em que a mais vulgar é a de dar a beber ao delinquente uma cocção de casca do *muave*. Se o padecente resiste ao veneno é porque está innocente.

A sua relegião é rudimentar. Reconhecem a existencia de um ente supremo, que denominam mulungo, a quem nada solicitam nem prestam culto, mas muitos acreditam na existencia de um espirito mau e todos na intervenção dos espiritos ou almas dos antepassados.

Quando doentes tem curandeiro para os tratar e de mistura com grosseiras suprestições usam beberragens de provada efficacia.

A sua alimentação é quanto possivel simples; reduz-se a farinha de mapira e mais raro mandioca ou milho, cosida acompanhando-a com caril ou quissau que é peixe ou carne salgada.

São muito inclinados á dansa, organisando batuques a proposito de todos os factos mais notaveis da sua vida. Assim tem batuques de guerra, de choro e ao luar.

Ha batuques só de homens; só de mulheres; e de ambos os sexos que são, porventura, os mais interessantes pela figuração e grupos que fazem n'estas dansas.

A civilisação europea que vae invadindo estes povos vae tambem modificando ou banindo muitos dos seus costumes barbaros.

Encontram-se tambem por toda a região da Zambezia e provincia de Moçambique, mouros que ali vivem nos seus bairros com seus usos e costumes.

Estes mouros são restos dos antigos povoadores do litoral que faziam commercio com os habitantes do interior, e que os portuguezes ali foram encontrar quando pela primeira vez aportaram aquellas terras, como consta das chronicas e dos historiadores das coisas da India.

Ainda hoje os mouros ali vivem do commercio, embora mais reduzido, pois que o elemento europeo, a principiar pelos primeiros portuguezes que ali se estabeleceram no seculo XVI, o tem successivamente impolgado.

Os dois typos mouros, que reproduzimos em gravura, mostram uma mulher e uma creança nos seus trages habituaes.

NEVES FERREIRA — NOVA FONTESVILLA

A circumscripção Neves Ferreira é das mais extensas do territorio. Foi creada em outubro de 1892 e abrange toda a margem esquerda do Pungue, o grande praso Cheringoma, que se estende do Urema ao mar, limitado ao norte pelos Chupanga e Milambe. Na margem direita do Pungue o territorio de Neves Ferreira estende-se desde a foz d'este rio até aos paizes de Chimoio e de Moribane.

Fontesvilla está n'este territorio. Foi lhe dado este nome em honra do sr. marquez de Fontes Pereira de Mello, administrador delegado da Companhia de Moçambique.

Esta povoação teve certa importancia durante a construcção do caminho de ferro do Pungue, por ser a testa d'esta linha, e ali se installaram officinas e grande quantidade de operarios, etc. Concluida, porém, que foi a linha, em 1898, resolveu-se mudar a povoação para *Bamboo Creck* nome inglez que diz Portinho dos Bambus, por ser logar mais saudavel e assim se fundou a Nova Fontesvilla.

A nova povoação tem progredido, ainda que lentamente, e a exploração agricola do seu solo permitte bom desenvolvimento e riqueza, pois podem-se cultivar cereaes, canna e borracha do Ceará, de que já ha uma plantação feita pela Companhia.

OS CIGANOS E O SEU DIALECTO

(Continuado do n.º 861)

Assimilação com as outras raças

Onde com mais rigor se observam os preceitos da egualdade evangelica é entre os ciganos da Russia.

Ahi, alem das occupações favoritas de contractadores de gado e decifradores da *buena dicha*, que parecem ser caracteristicas da sua raça, em todos os pontos em que escolhem residencia, exercem em grande escala a profissão de creadores, para o que se prestam favoravelmente as muitas devezas ao sul d'aquelle paiz.

As mulheres em Moscow dedicam-se ao canto, profissão que as tem tornado celebres, grangeando lhes boas posições e fortunas, e mesmo bons casamentos entre a nobreza russa.

Quando a celebre Catalani visitou a antiga capital d'aquelle imperio, depois de ouvir n'um dos salões da aristocracia uma cantora cigana, tirou de sobre os seus hombros um precioso chale de Cachemire, com que o Papa a havia presenteado pelo seu privilegiado talento e collocou-o por suas mãos sobre os da cigana, dizendo que d'uma dadiva destinada á cantora sem rival só ella era a merecedora.

Com quanto não se possa dizer em absoluto que todas as familias ciganas tem na Russia logares distinctos, pode comtudo affirmar-se, sem receio de contestação, que essa raça é ali tratada desde a mais remota antiguidade sem excepções deprimentes para ella.

Nas provincias do Danubio, e especialmente na Valachia e na Moldavia, onde sete milhões de habitantes falam uma lingua muito similhante á castelhana, procedente da mesma origem da latina que usava a grande colonia militar estabelecida pelos romanos n'aquellas paragens, contam-se mais de duzentos mil ciganos.

Occupam-se principalmente na exploração das minas de ouro e de enxofre nos affluentes do Danubio, e mais especialmente nos arroyos e torrentes da Transilvania.

Dedicam-se tambem ao contrabando.

Na Hungria ha lugares inteiros habitados por *Zinganes* ou ciganos, e nas grandes povoações ha bairros em que a maioria das familias são da mesma origem.

Em parte alguma se observa com maior precisão a constituição legal e social do paiz sobre a familia cigana como na Hungria.

Entretanto existe ali o regimen feudal em todo o seu rigor primitivo.

A condição de servo russo é muito differente da condição de servo hungaro; e ao passo que na Russia as tendencias daquelle são para a emancipação, na Hungria os madgyares, que tanto gritam por seus antigos fóros e privilegios, só procuram escravisar mais e mais a classe que depende d'elles.

Pode dizer-se que na Hungria ha tres classes: Nobres, servos e ciganos.

E, contraste peregrino, ali o cigano vil, miseravel, é livre como o magnate, levantando a fronte insubmissa no meio da sua miseria, ao passo que o servo hungaro baixa os olhos humilhado e aviltado.

Na Hungria os nobres estão acima da lei, os *Zinganes* estão fóra d'ella.

Aos primeiros como taes, vestindo luxuosamente, ninguem lhes pede o tributo de portagem; aos segundos, cobertos de andrajos, quasi nús, tambem não se lhes exige esse ou outro tributo. Porem aos lavradores, ás classes productivas, os fiscaes da lei, tão servos como ellas, exigem que lhes seja pago até ao ultimo ceitil, usando não poucas vezes da violencia.

O cigano hungaro é um ser singular, vejetando

no meio da mais espantosa sociedade, nutrindo-se de alimentos corruptos, e ainda que dedicado aos misteres de alquilador, caldeireiro, ferreiro e adivivinho, faz de quando em quando as suas excursões de pilhagem e roubo, que duram ás vezes muitos mezes, atravez da França e da Italia.

E tanto nas suas hediondas choças, como em correrias de vagabundos, o cigano vive satisfeito e alegre, cantando ao acompanhamento dos instrumentos seus predilectos, em que tem primeiro logar o violino, em cuja execução é tão habil, que muitos ciganos teem chegado a figurar como seus excepcionaes tocadores nos espectaculos de Paris.

Em Inglaterra, onde a tolerancia e a boa organisação policial é mais antiga do que em nenhum outro estado do continente, *os gypsies* ou ciganos, teem podido misturar se mais depressa com as outras raças, e apenas hoje em dia se contam uns dez mil que vivem, ou já sedentariamente como alquiladores, ferreiros e caldeireiros, ou já nomadamente construindo as suas barracas perto dos bosques mais visinhos das pequenas povoações.

As ciganas leem a *buena-dicha* e vendem filtros de amor; não sendo extranho de quando em quando ver na *Gazeta dos Tribunaes* o relato de assassinatos de amantes ou maridos por mulheres zelosas que, confiando demasiadamente n'essas feiticeiras astutas, que encontram crentes nas pessoas da mais elevada sociedade na moderna Inglaterra, como em seculos passados os encontravam entre as principaes familias da antiga Hespanha.

Outro tanto pode dizer-se dos ciganos de Italia e França, com a differença de que n'esta ultima nação, onde a grande revolução de 1789 foi mais especialmente fecunda em egualdade que em liberdade, apenas se nota uma ou outra familia cigana.

Em França, onde não se conhece odio nem antipathia de raça, religião ou linguagem; onde o estrangeiro é sempre bem recebido, onde o catholico, protestante, israelita ou mahometano alternam e se ligam sem repugnancia nem entrave legal ou social; onde todos os dialectos e todos os

LUIZ DA SILVA

idiomas se fallam, como havia de subsistir o cigano, como podia essa raça não deixar de quebrar a *liri es calés*, a lei de viver com os seus e para os seus.

Em Hespanha, onde ainda não crearam raizes esses principios é mais lenta e difficil a assimilação do cigano com as outras castas.

Entretanto aos cincoenta ou sessenta mil que ali existem, segundo as mais modernas estatisticas, todos os dias se juntam nas grandes povoações novos grupos de ciganos, chegando a tornar-se notavel o numero existente em Sevilha, Cadiz, Malaga, Granada, Cordova, Ciudad Real, Madrid, Murcia, Valencia, Barcellona, Pamplona, Valladolid e Badajoz.

No alto Aragão vivem até alguns em covas, mas todos se dedicam a officios honrosos.

Tanto nas provincias do Norte como n'uma grande parte de Castella-a-Velha, Asturias e Galliza, onde d'antes os ciganos eram odiados e temidos, são olhados agora sem repulsão, e até se lhes permitte a residencia onde antigamente nem a entrada se lhes permittia.

Que a assimilação ha de fazer-se por completo demonstra-o a corrente de sympathia que os ciganos souberam adquirir em Cadiz, Malaga e em muitos outros pontos da Peninsula.

Alguns escriptores opinam que a razão d'isso é porque os ciganos d'essas povoações são civilisados e os das outras não o são.

Tal asserção é completamente destituida de criterio.

O cigano em Hespanha jámais praticou actos pelos quaes demonstrasse instinctos selvagens, a não ser os actos de canibalismo por que foi condemnado, sem comtudo ter-se feito a prova d'elles.

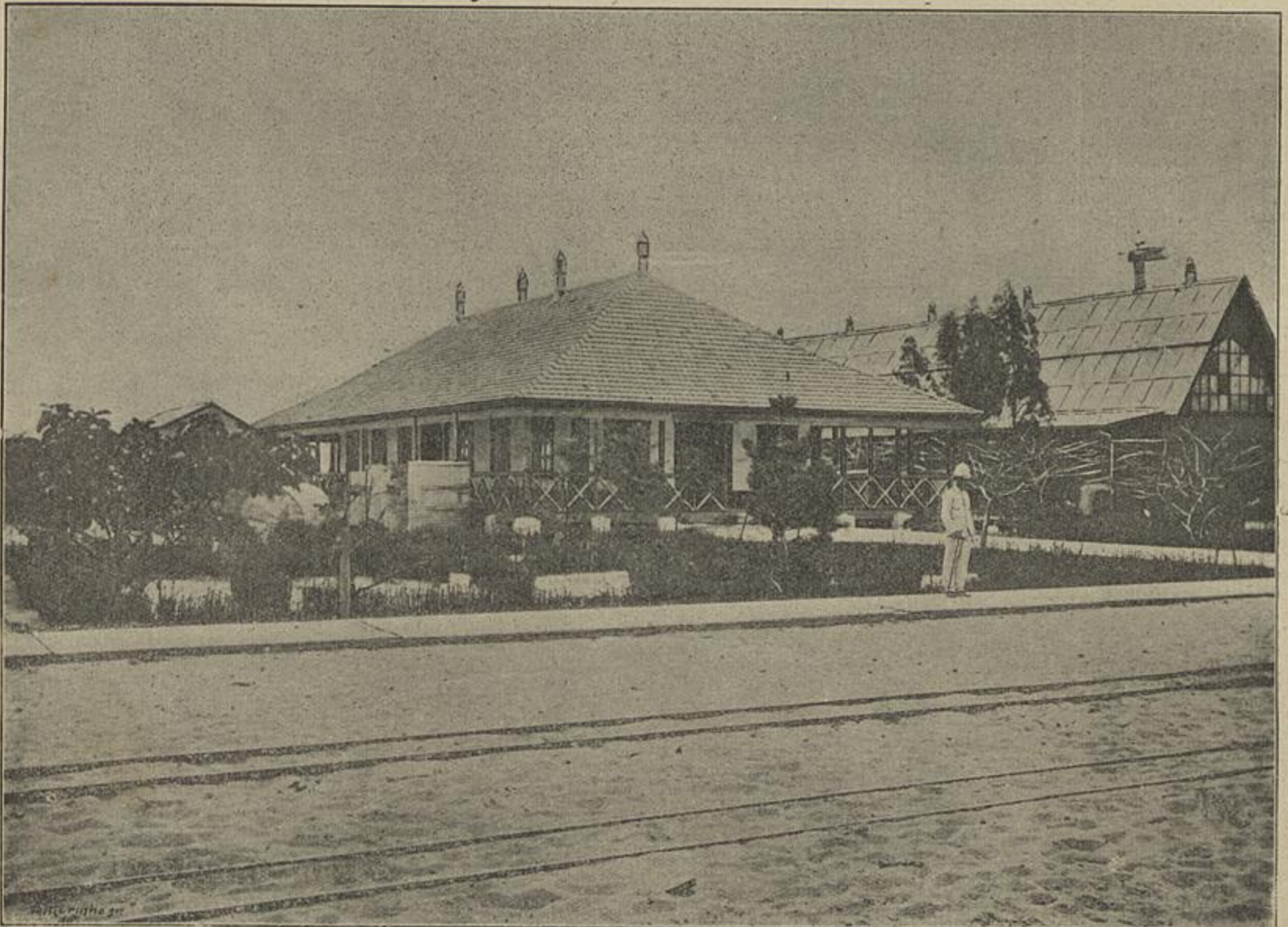
Ali foi tão somente ignorante e rude como os das outras raças não educadas, e n'um paiz como em Hespanha onde apenas vinte por cento sabem ler, devem ser muitissimos os ignorantes, sem excepção de classe.

Não vae muito distante o tempo em que na nobreza havia predilecção especial pelas occupações de alquilador e toureiro.

Em Cadiz e Malaga ha ciganos proprietarios de grandes estabelecimentos, e muitos entregam-se ao mister de negociantes de gado em larga escala, tendo importantes casas e disfructando com suas familias todas as commodidades e bem estar que só as grandes fortunas podem proporcionar.

Nas outras cidades e mesmo em muitos logares dos mais ignorados das provincias hespanholas conserva-se a tradição cigana.

Isto é: os homens vivem de comprar, vender e trocar cavallos; tosquiar animaes, correr e picar touros; sendo o toureio a sua occupação mais predilecta nas povoações de Andaluzia; em fazer cravos e ferraduras, cestos de côres, canastras, etc., especialmente os que habitam em Murcia, Vallencia e Barcellona.

As mulheres vendem os meudos das rezes, enchem e fregem chouriços de sangue nas tavernas, onde tambem assam castanhas e bolota; negoceiam em objectos usados, fatos de homem e de mulher, e em artigos de contrabando, rendas, sedas, chocolates, mantilhas etc., mas sobre todas

BEIRA — Hospital da Rainha D. Amelia

TYPOS INDIGENAS DA ZAMBEZIA

MOURAS DE CHILOANE

as industrias a que se entregam a que lhe dá productos verdadeiramente lucrativos é a leitura da *buena-dicha.*

Descriptas as condições de vida e costumes dos ciganos do occidente é descrever as condições, vida e costumes dos ciganos do oriente.

Com effeito os que habitam a Turquia, o norte do Egypto e a Persia, e que descendem d'esses que procederam de Multan ou Juzerat, no tempo de Bayaceto e Tamorlan, ou posteriormente dos mesmos pontos das margens do Indo, mostram egual caracter, costumes e qualidades que seus irmãos da Europa.

Uma d'essas qualidades, e que mais a distingue, é a sua prodigiosa força passiva para resistir á intemperie, já sob a acção glacial das neves de Moscow, já sob o clima abrasador do Egypto e do Cairo.

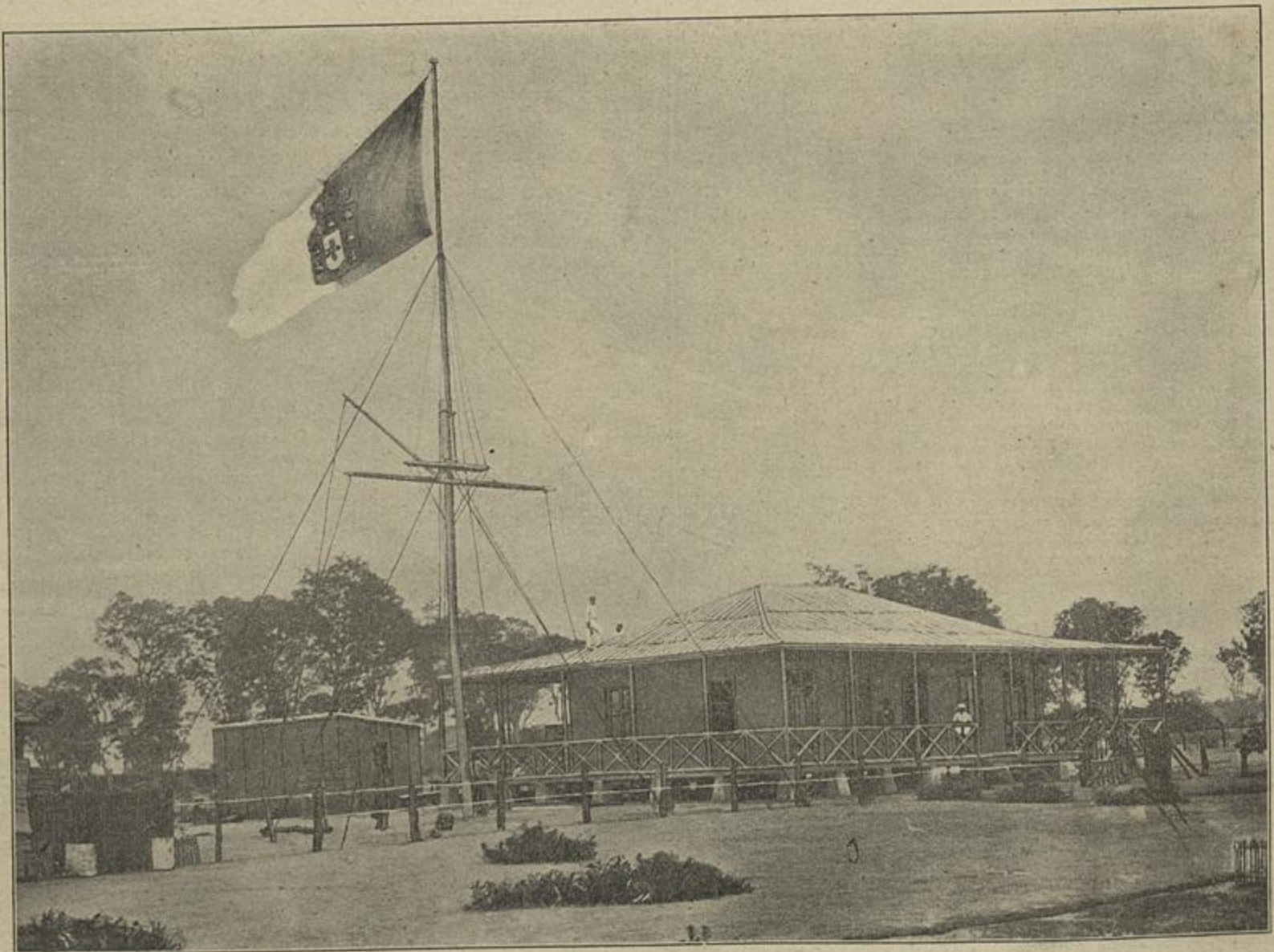
Onde mais abundam os ciganos é em Constantinopla.

Os homens tem ali as mesmas occupações usuaes e exercem a traficancia de gados a que juntam o commercio de pedras preciosas e drogas venenosas; as mulheres teem entrada nos harens para curar as creanças de *mau olhado* ou interpretar os sonhos das odaliscas.

Vê-se tambem as *Zingares*, nome que em Constinopla dão ás mulheres ciganas, cantando e tocando pelos cafés, acompanhando o canto ou a musica com dansas licenciosas.

Nada mais voluptuoso do que esses cantares e posições com requebros e olhares lascivos, provocando até á tentação.

Mas desgraçado do musulmano ou do christão que queira obter d'essas mulheres alguma cousa mais do que a sua exhibição provocadora!

(Continúa). *Julio Rocha.*

NEVES FERREIRA — Nova Fontesvilla

A natureza e seus phenomenos

(Continuado do numero antecedente)

I

PHYSICA

PARTE I

A GRAVIDADE

VIII — INERCIA

Quando uma carruagem ou um cavallo pára de repente, um individuo que vae dentro da carruagem ou montado no cavallo, é impellido para a frente, embora o vehiculo ou o cavallo esteja parado. Quando tropeçamos, o nosso corpo tende a cahir para a frente, animado ainda do movimento que possuiamos. N'um caminho de ferro, em occasião de choques, os individuos que estão nos logares da frente, saltam dos seus logares, e os que caminham de costas, tendem a ser enterrados nas paredes das carruagens, o que explica a vantagem dos primeiros.

Estes factos são attribuidos á *inercia* da materia.

Inercia é, pois, a propriedade que possue a materia de não alterar o seu estado de movimento ou repouso, sem o auxilio de uma força externa.

O corpo em repouso tende a conservar-se em repouso, assim como o corpo em movimento, tende a conservar-se em movimento.

Se, porém, um corpo em repouso se conserva em repouso até que uma força externa o obrigue a mover-se, no emtanto, um corpo em movimento pode não permanecer sempre n'esse estado, devido a varias causas que enfraqueçam es se movimento. Essas causas são o *attrito* e a *resistencia dos meios*.

Uma bola girando n'uma superficie polida conserva-se em movimento, durante um espaço de tempo maior, do que se essa mesma bola girasse em terreno escabroso. Uma carruagem, em occasião de descida, necessita de travar as rodas, afim de offerecer uma certa resistencia ao movimento, tornando o menos accelerado e evitando se d'essa fórma desgraças que poderiam succeder, se a abandonassemos a si mesma.

O primeiro *attrito* chama se de *escorregamento* porque os corpos escorregam uns sobre os outros; o segundo de *rolamento* porque os corpos rolam uns sobre os outros.

Attrito é, pois, a resistencia que os corpos offerecem a mover-se uns sobre os outros, devido a causas que impedem esse movimento.

No primeiro d'estes attritos, a resistencia é maior.

E' conhecido o esforço que os remadores de um barco costumam fazer para dar andamento ao transporte. Esse esforço é muitissimo maior do que aquelle que seria necessario se a agua não fosse um vehiculo contra o movimento.

Não é só a agua que se oppõe ao movimento como tambem qualquer fluido, sendo essa resistencia tanto maior quanto maior fôr a quantidade de materia contida em egual volume d'esse fluido.

Se dermos egual impulso a tres espheras suspensas por fios eguaes, nas quaes uma se acha mergulhada em mercurio, outra na agua, e a terceira no ar, será a que se encontrar no mercurio a que parará primeiro, seguindo-se a que se encontrar na agua, e, finalmente a que estiver ao ar.

A resistencia que os fluidos oppõem ao movimento, denomina-se *resistencia dos meios*.

CAPITULO II

Principios de mechanica

A sciencia que estuda as forças e o movimento, denomina se *mechanica*.

I — FORÇAS

N'uma força temos que estudar:

1.º O seu *ponto d'applicação*, isto é, o ponto onde ella actua directamente.

2.º A sua *direcção*.

3.º A sua *intensidade*.

Chama-se *resultante* de uma ou mais forças, uma força capaz de as substituir. As forças substituidas chama se *componentes*.

Compôr varias forças é achar-lhe a *resultante*.

Decompôr uma força é achar outras que produzam effeito analogo áquella.

Duas forças actuando no mesmo sentido tem uma resultante com intensidade egual á somma das duas forças que actuaram.

Querendo arredar uma mesa de um certo logar para outro, e para esse fim, utilisai mo-nos de dois individuos dos quaes, um, emprega uma força de 5 kilogrammas, e o outro, uma força egual a 4 kilogrammas, o corpo mover-se-ha na direcção em que esses individuos o fizeram mover, com uma força egual a nove kilogrammas, egual á somma das duas forças empregadas.

Se porem, um d'esses individuos, com uma força de 5 kilogrammas, fizer mover a mesa para um dos lados, e o outro, com uma força egual a 4 kilogrammas a fizer mover em sentido opposto, a mesa girará do lado da força maior para o lado da força menor com uma intensidade egual á differença entre as duas forças (Intensidade $5 - 1 = 4$).

D'aqui concluimos que a resultante de duas forças actuando em egual sentido é egual á somma d'essas forças, e a resultante de duas forças actuando em sentido opposto é egual á differença d'essas forças, tendendo, n'este caso, o corpo a mover-se para o lado da força menor.

Se as forças actuando em cada um dos sentidos fôr egual, o corpo conserva-se em *equilibrio*, porque as forças neutralizam se reciprocamente.

Se empregamos um esforço de 5 kilogrammas para mover uma mesa da direita para a esquerda, e outro individuo empregar um esforço egual para a mover em sentido contrario, a mesa conservar-se-ha immovel.

Se, porém, de um lado, estiverem tres individuos para fazer mover uma meza, com forças respectivamente eguaes a 5, 7 e 8, e do lado opposto, outros tres, com forças respectivamente eguaes a 4, 6 e 9, a mesa mover se ha do lado maior, com uma intensidade egual a $(5+7+8)-(4+6+9)$ ou seja com uma intensidade egual a $20 - 19 = 1$

D'onde concluimos que a resultante de muitas forças actuando n'um corpo, ora n'um sentido ora n'outro, é egual á somma das forças actuando n'um sentido, menos a somma das forças actuando em sentido inverso. Se as forças actuando no extremo de uma recta, ou uma superficie, forem de intensidade egual, o objecto tenderá a ser animado de movimento de rotação.

E o que geralmente succede quando fazemos girar um wagon sobre uma plataforma de uma via ferrea.

Um grupo de individuos colloca-se em um dos extremos do wagon, e outro, no extremo opposto, operando cada um d'elles em sentido inverso. A plataforma cede, e o wagon move-se em torno de si mesmo.

A este systema de forças, denomina-se *cuple* ou *binario*.

Os instrumentos destinados a medir as forças são: os *dynamometros*.

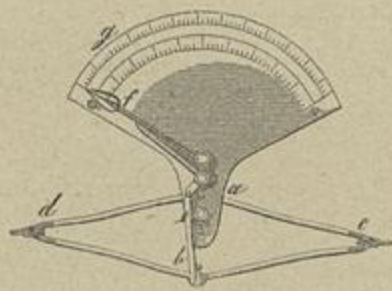



FIG. 11 — Dynamometro de Régnier

Consta de uma mola de dois braços *dac* e *dbc*, cujos pontos medios se approximam, exercendo-se uma pressão em *a*, ou uma tracção em *b*. A parte *b* do apparelho liga por meio do braço *be* á agulha *f*. Este apparelho assim como todos os dynamometros são fundados na elasticidade das molas.

O arco graduado *g* tem duas escalas: a 1.ª serve-nos para indicar os esforços de pressão com que se approximam as partes medias do apparelho; a segunda para indicar os esforços de tracção, sendo para isso necessario segurar o apparelho por uma das extremidades (d ou c) emquanto que á extremidade opposta, ligamos uma corda (c ou d). Consoante o maior ou menor esforço de pressão ou tracção, a agulha gira mais para a direita ou para a esquerda do arco graduado.

Com este apparelho poderemos medir a força muscular do homem (esforço de pressão), ou a força de tracção dos cavallos, bois, etc.

O *pesa cartas* é, egualmente um dynamometro accusando pequenas differenças de pressão que, sobre as molas do apparelho se exerça.

Força centripeta e centrifuga. Qualquer corpo em virtude da inercia da materia tende sempre a percorrer em linha recta, caminhando espaços eguaes em tempos eguaes. A força que desvia os corpos da sua posição rectilinea, é a força *centripeta*. Ao mesmo tempo do que esta, outra força obriga o corpo a affastar-se do centro do movimento. Esta segunda força denomina-se *centrifuga*.

Embora eguaes e contrarias, estas forças não se destroem, visto não actuarem directamente sobre o mesmo corpo. Prendendo uma pedra a um fio e imprimindo-lhe movimento circular, a força *centripeta* é a que o fio exerce sobre a pedra; e a força centrifuga, a que a pedra exerce sobre o fio. Dando movimento de rotação a um copo cheio d'agua, preso a uma corda, na qual um dos extremos se segura na mão, observaremos, que, mesmo na posição vertical do copo, a agua não cahe, visto que a força *centrifuga* equilibra o peso do liquido.

É para evitar a acção da força centrifuga que os cavallos e os equilibristas nas arenas dos circos, se inclinam para o centro, afim de attenuar um pouco com o seu peso a acção da força centrifuga que tende a collocal-os fóra da circumferencia da arena. Por egual motivo, é que o caminho de ferro, na passagem de uma curva, se inclina, para o centro do movimento.

(Continúa) *Antonio A. O. Machado.*

O ultimo senhor de um velho solar

ROMANCE HUNGARO

POR

Paulo Gyulai

A sala de recepção, o quarto de cama, o aposento das crianças, o quarto dos hospedes offereciam mais lastimoso espectaculo, ainda. Ali, tudo feito pedaços e jazendo em montão, tudo coberto de pó e de môfo. E sem embargo, a tudo reconheceu, contemplando os destróços dolorosamente. E éra, alias, natural, mui especialmente, por todo o paiz e entre os nobres de alta linhagem, ter importancia o mobiliario; cada movel tinha a sua historia, e, por assim dizer, o seu culto. O pae herdára-o do avô, o filho, tinha-lhe apêgo, pela força do habito, por piedade; raro é comprar um novo objecto, e isso mesmo, apenas em alguma occasião solemne, quando casa, ou se passa a exercer qualquer cargo elevado, o que, alem de representar um acontecimento transcendente, involve um poder de consagração, e deste modo, esses monumentos da grandêza, da piedade, da ternura se vão tornando de mais em mais preciosos, quanto mais vae envelhecendo o possuidor. Radnothy, commovido, contemplava aquelles destroços dos presádos moveis, esquadrinhando-lhe os escaninhos mais reconditos, erguia do chão a cada um em especial e tornava a repô-los no mesmo sitio, como que reservando-os para uso futuro.

Na propria tristeza daquella inpecção incontrava ainda Radnothy uma tal ou qual alegria. Entre um montão de antigualhas foi incontrar os seus livros predilectos: obras de jurisprudencia, pelas quaes se habilitára ás suas funcções de jurisperito da Censura, e a biblia da familia, presente do activo principe Jorge Rakoczy a um seu antepassado, e valorisada com o nome autographo do proprio principe, como alias se vê ainda em muitas biblias protestantes offerecidas ás egrejas. Sentou-se a folheá-la, conservára-se intacta, os fêchos de prata estavam porem quebrados. Nos trêchos predilectos, abriam de per si as fôlhas, existia ainda a propria fôlha de ante-rôsto, na qual os chefes da familia iam inscrevendo successivamente o nascimento ou o matrimonio dos filhos. La estava tambem o seu autographo, e leu a data do seu dia de nupcias, e a do nascimento de seus filhos; morrêram-lhe três, dois são vivos, ainda — oxalá os proteja Deus mais efficazmente do que protegeu ao pae contra os golpes do destino, apenas se acha por inscrevêr o falecimento de sua espôsa; e como pudéra elle havê-lo inscrito? Se não se achava em casa quando ella se finou! Mas hade inscrevê-lo, é para elle dever impreterivel! Escreveu, não sem difficuldade — ah! que execravel pênna, e a tinta tão deslavada, é uma vergonha, a falar verdade, mas em casa não existia coisa nenhuma! E sem embargo, escreveu, mas sabe Deus o que isso lhe fez soffrer. Reviveu-lhe no animo a recordação da morte da sua espôsa; representava-se-lhe vivida na mente a scena de sua mulher a fugir, de noite, quando rebentou, alastrando-se, a insurreição vallaca, e os sustos e as ancias que a haveriam atormentado, alem, na vizinha cidade; elle, a essa data, achava-se na capital, accudiu a toda a préssa, voaria, por sua vontáde, mas, impossivel! — Deus de bondade, que dias aquelles! E quando regressou, achou morta a pobrezinha; nem sequer lhe foi dado in-

terrá-la, foi deposto o cadaver na crypta da egreja, na cidade, e d'ali mais tarde trasladada para o jazigo de familia; ignora, até, quando tal succedêsse, achava-se infermo, gravemente infermo, e acha-se ainda, provavelmente, e quem sabe, até, se voltará a recuperar a saude.

Esta perenne excitação e o seu estado doentio, roubaram-lhe á alma o poder de resistencia. O homem outr'ora tão energico desandou em sonhador melancólico, tornou-se um originál irritavel. Nem podia dedicar-se ao trabalho nem havia distracção que o prendesse, tentára appellar para uma e outra coisa, em breve, porem, tornava a cahir naquelle seu agastamento, a imergir nos seus devaneios, que para elle representavam, agora, o unico elemento de vida. E d'ahi aonde iria elle procurar distracções? Pouco ou nada o visitavam os antigos e bons vizinhos; um, porque morrêra, outro, perseguira-o a má-fortuna, o terceiro, abalára de vez, e quando algum delles o houvesse procurádo, nem sequer o poderia receber com decencia, e essas poucas horas de contentamento atribular-lhas-ia a afflicção. Nem na propria egreja lhe era dado incontrar a tranquillidade e o conforto de outros tempos.

Que lhe vale o achar-se ali a sua cathedra, reservada, ao pé do pulpito, e procurar-lhe sollicito o ecclesiastico o livro dos psalmos; se já ali não vê o seu antigo e prezado reverendo, esse amigo a par do qual invelheceu? Haverá cerca de dois mezes, acha se á frente da communidade um juvenil sacerdote, ao qual não consegue afazer-se, não pode conformar-se com aquelle rosto exornado por uns bigodes, e ainda menos com aquellas curtas préces, ditas sem uncção, sem tremor commovido na voz, ou com as suas prédicas mundanaes, e que dir-se-iam extrahidas dos artigos de sensação de algum periodico. E torna-se-lhe antipathica aquella abundancia de vocabulos nóvos, causam-lhe verdadeira irritação. E não poder elle cumprir os seus deveres de patronato!

O tecto arruinado da egreja, urge ser feito de nôvo; o tão reduzido estipendio do ecclesiastico ja era tempo de ser melhorado — e elle não tem dinheiro! E ainda mais que a propria irritação o atormentava esta magua, intrestecia-lhe ainda mais os seus domingos, aquelles bons domingos ainda tão vivos na sua memoria.

E entrou a envergonhar-se da sua pobrêza, como que de um peccado, e, uma vez por outra, a attentar no governo da sua casa com muita azafama mas com pouca persistencia; em tudo queria pôr mão, devido porém a alteração das circumstancias não conseguia incontrar coisa nenhuma. Substituiu o despedido feitor por um certo camponês de Szek, a quem pagava menor soldada, conferindo-lhe o titulo mais comesinho de «mordômo», no intuito de estabelecer concordancia entre as funcções e o estipendio. E não obstante, eram tão imperativas e terminantes as ordens que transmitia a este, como nos mais aureos tempos do esplendor da sua casa.

E entretanto, esforçava-se por restabelecer tudo nas primitivas condições; ajustou por preço elevado uma governante, á qual não deu attribuições; os tres tóques da sinêta entraram novamente na ordem do dia; ao zagal dos bufalos apeou-o elle das suas funcções indevidamente exercidas, visto como o numero dos bufalos se achava reduzido á unidade.

Tratou de attender aos melhoramentos da habitação, mas resumiu-se a mandar lavrar novo brazão de armas; os telheiros e estabulos projectava elle mandá-los renovar completamente, supposto dispozesse apenas actualmente de tres cavalos, com os quaes regressou ao solar, e de quatro bois escanzelados que incontrou, á chegada.

Ha de haver mais, brevemente — dizia amiude, — ia entrar tudo na ordem, anularia os contractos de arrendamento, arroteando as tertas por sua propria conta, com tremendas ameaças, intimou os camponêses a restituir-lhe as terras de que se haviam apoderado subrepticiamente, chamá-los-ia a juizo, enviaria soldados a cercar lhes as casas, e assim por diante, — mas no dia seguinte nem sequer se lembrava já de semelhante coisa. Nova contrariedade concorria a irritar o ancião, tinha que altercar com o tabelião relativamente ao imposto. A's importunas exigencias do regedor de Robot referentes a negocios locaes, respondeu pondo-o no olho da rua tornando outra vez a cair na acostumada melancolia e passando a não sair de casa, mezes a fio.

E cessaram assim tambem as suas assim chamadas inspecções ao funccionamento dos negocios domesticos. Uma vez por outra. saia levando em sua companhia o alentado cão de guarda, no intuito de, conforme praticava outr'ora, ver com seus proprios olhos como corriam as coisas pelas dependencias da mansão. Lançava uma vista de olhos á cavalariça, e conversava com o cocheiro, não a respeito dos cavalos, existentes áquella data, mas sim de outros que possuira em tempos; gabava-os, manifestava saudades delles, e saia outra vez por ali fora, sem ter mencionado, sequer, aquillo a que viera. Nos armazens, punha se a enumerar objectos não existindo ali, desde largo tempo, sem prestar ouvidos ao mordomo que lhe falava de casos urgentes.

E era elle o proprio a fomentar a mandrice no pessoal domestico, pois em vez de deixar trabalhar, pegáva a contar-lhes maravilhas e prodigios dos esplendôres do seu solar, anteriormente á ruina do mesmo. Volta e meia, punha-se a ralhar com os trabalhadores, por lhe exigirem jornaes tão elevados, — e que deviam pegar mais cedo no trabalho. O Neptuno de pedra do jardim preoccupava-o devéras; dava-lhe voltas e mais voltas, e como já não deitasse agua, ameaçava o jardineiro, que já não estava a seu serviço, de que o havia de ensinar por uma vez. Depois, ia dar o seu passeio, e inganava-se no caminho, visto como as verédas se achavam absolutamente invadidas pelas urtigas, e a poder de canceiras, lá ia ter á azenha, fonte unica de receita da sua propriedade; punha-se a seguir com a vista o movimento das rodas, escutando lhe o ranger e a chiada, e voltava estafado para cása, á hora de jantar, muito convencido, lá no intimo, de haver finalmente feito entrar na ordem isto, aquillo e aquelloutro.

Ao jantar estava sempre triste e pesarôso, pois se via sósinho e ermo naquelle immenso casarão, á espera de que o servissem, tempos esquecidos. Raras vezes lhe sabia bem o que comia; a nova governante não conseguia cozinhar-lhe ao seu paladar os seus acepipes predilectos, o *Tokani*, principalmente, (carne picada com cebolinhas e *paprica*, ou pimenta da Hungria) e umas celebradas e apetitosas papas, um tanto aciduládas, que nunca estavam a seu gôsto; e tudo era ralhar com o Estêvam e este, por tabélla, com a governante. A verdade porém, era, que, verdadeiro e legitimo apetite, quasi que nem já sabia que coisa fôsse.

Na maxima parte dos casos, debicava, apenas, um que outro manjar, sem comer de nenhum, e ficava-se para ali de olhos fitos, no espaço.

(Continúa) *M. Macedo (Pin-Sel)*

NECROLOGIA

O GENERAL ANTONIO CARLOS DA ROCHA VIEIRA

Pertenceu ao numero d'aquelles individuos, que, apesar de dotados pela natureza de faculdades distictas, cada periodo da existencia lhes é assignalado por um infortunio.

Nascera em Lisboa em 1825, sendo filho do brilhante official da marinha portugueza João Eleutherio da Rocha Vieira. Este valente e illustrado marinheiro fazia parte da guarnição da nau *Affonso d'Albuquerque*, da esquadra do Mediterraneo, do commando do Marquez de Niza, que em 1798 e 1799 tão importante auxilio prestou a Lord Nelson nas suas operações no Levante. Este enviou a referida nau a Tripoli em 30 de abril d'este ultimo anno, levando a seu bordo o Commodoro Donnald Campbell, para obrigar o bei a cumprir o accordo feito com aquelle almirante, de não consentir os francezes naquelle Estado, alliado da Inglaterra, valendo-se, para esse fim das hostilidades que havia entre Portugal e Tripoli. O procedimento dobre do bei, determinou Campbell a romper as hostilidades sob a bandeira portugueza. D'aqui resultou uma serie de combates no dia 11 de maio entre as forças da nau, em escalleres, contra o principal navio da armada tripolitana, auxiliada pela mourisma de terra, distinguindo se entre outros, aquelle nosso official, então 2.º tenente, pelo que, segundo a proposta e recommendação do Commodoro, foi promovido ao posto immediato, como todos os mais da guarnição.

Esta facção inspirou a musa de José Francisco Cardoso, que a celebrou num brilhante canto heroico, em latim, que todo o homem de letras conhece, pelo menos na elegantissima traducção de Bocage, e que forneceu ao Rev. parocho de São Thomaz Quintino, S. Delatour, ao traduzil-o para francez, ensejo de dar uma resenha da cultura da poesia latina em Portugal.

Poucos annos gosou o pequeno Antonio a tranquilidade e conchego do lar. Seu pae, tendo-se manifestado liberal convicto, foi logo após a usurpação de 1828, encerrado nos calabouços do castello de S. Jorge, pelo *paternal governo* que então se inaugurara, depois de lhe haverem entrado em casa os caceteiros, destruindo o que encontraram. Imaginem-se as privações que durante esses calamitosos seis annos, que durou esse intruso governo, soffreria a infeliz familia.

Quando, pois, o pequeno Antonio Carlos começou a conhecer seu pae, foi entre os ferros de uma prisão, e alli, com elle foi aprendendo as primeiras letras, emprego suave, que, ao encarcerado servia para illudir o tempo de encerro.

Emfim raiou o dia 24 de julho de 1833 e João Eleutherio poude gosar do sol e ar da liberdade. Restabelecido o legitimo governo constitucional, foi passado algum tempo nomeado João Eleutherio, governador de Bissau e Cacheu, mas ahi, ao cabo de poucos mezes foi colhido pela morte, que o roubou á patria e á familia. O distincto official merecia outro fim.

Achava-se Antonio Carlos no Real Collegio Militar desde 1835, soffrendo este segundo golpe da sorte, e ficando sem arrimo, foi desde este infeliz successo, não só sustentado, mas vestido e fornecido de tudo pelo collegio.

Não parou aqui a desdita. Achando-se Antonio Carlos no terceiro anno do curso, se me não engano; uma fatal canellada lhe promoveu um padecimento escrophuloso que o impediu durante tres annos de continuar os estudos, prendendo-o á enfermaria do collegio, onde travei o primeiro conhecimento com elle.

Ahi, para entreter o espirito, foi lendo livros de philosophia, litteratura e aperfeiçoando-se nas linguas latina, franceza e ingleza.

Restabelecido emfim pelo tratamento feliz de um facultativo habil, Antonio José Monteiro de Seixas, poude continuar o curso. Tinha então 17 annos, o espirito amadurecido, e grande copia de conhecimentos. O viver apartado quasi de todos augmentara-lhe a melancolia e fizera-o poeta.

Acabado o curso em 1846, assentou praça em infanteria 7, e a sua entrada na vida publica devia ser assignalada por quarto infortunio.

Mezes depois do assentamento de praça, fizera-se a revolução de 6 de outubro contra o governo sahido da revolução de maio d'esse anno. Moveram-se tropas, organizaram se forças de um e de outro lado; deram-se batalhas, combates, e varias columnas marcharam em diversas direcções. De uma d'estas sob o commando do major Bernardo Antonio Ilharco, fez parte o aspirante Rocha Vieira, e o alferes Antonio de Serpa Pimentel, José Corrêa de Freitas, etc.

Achando-se em Alcacer do Sal, foi a columna cercada, e teve que render-se, pasa evitar inutil efusão de sangue. Rocha Vieira com os seus dois companheiros e outro, cujo nome me não lembra, foram levados para um carcere do castello de Palmella. Muitas vezes me fallou Antonio de Serpa d'essa prisão, cujas paredes, Rocha Vieira, que desenhava muito bem, decorou de alto a baixo com desenhos a carvão e versos.

A communidade do carcere e da mesma enxerga, torna os homens como que irmãos, pois o genio concentrado de Rocha Vieira sempre o impediu de se dirigir ao seu camarada e matalote! Quantas vezes me não fallou o distincto Estadista d'esses mezes de vida commum, e quanto sentia não ter tornado a ver o seu companheiro de carcere; promettera-lhe eu trazer lho um dia á sua presença, mas a vida retirada do meu velho collega, na sua especie de thebaida de Belem, impossibilitou-me de lhe satisfazer esse desejo.

Seguiu depois Rocha Vieira a sua carreira, servindo algum tempo na cidade da Guarda' d'onde entre outras, me escreveu uma carta em verso, notavel de força e sentimento elevado. Ainda ahi teve dissabores. Serviu mais tarde nas Obras publicas no Algarve, onde casou, e em Castello Branco. Depois passou aos Açores, onde continuou a sua carreira militar, regressando á sua terra natal, reformado no posto de general de brigada. Neste ultimo quartel da vida, veiu o ultimo infortunio amargurar-lha, com a doença cerebral de um de seus filhos, que lá se acha em Rilhafolles.

Nos ocios da vida official, dedicava-se ás letras, legando á sua dedicada familia alguns volumes manuscriptos, encerrando muitas traducções, em prosa e verso, principalmente do inglez, onde ha peças de grande merecimento, avultando entre ellas, o romance Harold.

Tinha-se, havia annos, apresentado o projecto de uma lingua universal, sob a denominação de *Volapuk*. Rocha Vieira enthusiasmou-se com a ideia, applicou-se ao estudo d'essa nova lingua, em breve escrevia proficientemente nella, tornava-se o seu mais activo cultor e propagandista em

Portugal, e o seu nome era considerado e citado nas publicações a ella relativas, como de uma auctoridade de primeira ordem. Parou, porem, n'esse caminho, porque d'ahi só lhe provinham despezas.

Encetara, havia cerca de dois para tres annos uma nova traducção do *Paraizo perdido* de Milton, que ia já no terceiro ou quarto canto, quando foi accommettido por uma terrivel enfermidade, a hematuria, que, comquanto debellada, não deixou de promover ou excitar uma anemia geral, que o foi consummindo pouco a pouco sem lhe apagar a intelligencia.

Passou sem esforço e adormeceu como um justo. Possa ser agradavel á sua alma, este singello tributo de saudade de um velho amigo.

Brito Rebello.

JOSÉ DA SILVA

Registamos hoje com pezar a noticia trazida pelo ultimo correio, de haver fallecido na India um prestimoso collega na imprensa, o sr. José da Silva, que era redactor principal da parte ingleza do *Anglo-Lusitano* de Bombaim, do qual é outro redactor na parte portugueza o distincto jornalista, sr. Leandro Mascarenhas. Novo ainda, pois morre da edade de 42 annos, prestou n'aquella cidade relevantes serviços á nossa colonia, como escriptor publico, como cidadão portuguez. Educado no seminario ecclesiastico de Bombaim, a que presidia o fallecido e sabio Bispo Meurin, da *Propaganda Fide*, os seus estudos theologicos o habilitaram muito a combater vigorosamente por muito tempo as constantes accusações contra o governo portuguez, com que era ali guerreado o nosso Padroado do Oriente. Os inimigos dos nossos direitos e interesses no vasto territorio d'aquellas missões portuguezas espalharam aos quatro ventos na imprensa ingleza insinuações graves para promoverem em Roma a extincção do nosso padroado e conseguiram arrancar-nos as nossas egrejas e christandades; e o sr. José da Silva foi um dos maiores propugnadores da nossa causa no *Anglo Lusitano* Os seus semanaes artigos de polemica na parte ingleza d'aquella folha, o seu notavel opusculo *The Catholic Church in India*, e os dous que se seguiram sob o pseudonimo *Peregerou Footlight* são o testemunho vivo do seu talento robusto de combatente, da sua competencia no assumpto, e dos bons serviços que prestou ao Padroado Portuguez. O mallogrado jornalista era tambem um escriptor culto e correcto na lingua ingleza, como bastante versado na historia e em finanças e na theoria da contabilidade publica; do que deixou bellas provas nas series de artigos biographicos que escreveu no seu jornal, de varios artigos criticos e humoristicos assignados *Isaac Wormwood*; na sua excellente traducção ingleza do romance portuguez, os *Brahamanes*, do distincto publicista e auctor do livro *Le Marquis de Pombal*, F. L. Gomes; na organização de uns trabalhos orçamentaes da Repartição das Obras Publicas em Bombaim, a que prestou seu auxilio; e no importante jornal de Calcuttá, *The Indian Engineering* de que por muitos annos foi collaborador apreciado. Não chegou a concluir o livro que tinha entre as mãos sobre a historia da India Portugueza que estava escrevendo em inglez, vasada nos moldes dos modernos historiadores inglezes, e considerada principalmente pelo seu aspecto economico e social. Lamentando sinceramente o fallecimento do talentoso jornalista e escriptor, que foi tambem um dos membros mais valiosos da nossa colonia de Bombaim, enviamos os nossos pezames á sua desolada familia e á redacção do jornal de que elle foi um dos fundadores e sustentaculos.

GENERAL ANTONIO CARLOS DA ROCHA VIEIRA

FALLECIDO EM 4 DE OUTUBRO DE 1902

METEOROLOGIA

Dezembro de 1902

Observações diarias

Dias	Barometro	Temperaturas extremas	Céu	Vento	Chuva
	mm	° °			mm
11	757,6	12,9- 9,3	Pouco nubl.	NW	0,3
12	763,8	13,4-10,4	Nublado	»	0,0
13	771,4	14,0- 9,7	Pouco nubl.	NNE	5,5
14	774,9	12,8- 7,2	Alg. nuvens	N	0,0
15	776,1	14,6-10,9	Nublado	Calma	0,0
16	776,5	14,5-10,0	Pouco nubl.	NNW	0,2
17	777,4	11,9- 5,5	Limpo	NNE	0,4
18	778,1	14,0- 7,3	»	»	0,0
19	775,7	15,4- 7,5	»	»	0,0
20	773,6	15,2- 8,7	»	»	0,0

CHRONICA METEOROLOGICA

Mantiveram-se as altas pressões no reino, a partir de 13, acompanhadas de bom tempo, e vento predominante do NE, com temperaturas muito proximas da normal. A pressão attingiu o seu maximo em 18 (Serra da Estrella 781mm,7, Guarda 781mm,1, Porto 780,mm2). Nevoeiro intenso na manhã de 17, com baixa thermometrica sensivel em relação á temperatura do dia antecedente.

Nenhum indicio de nuvens de 18 a 20.

Recebemos e agradecemos:

O Arco Iris — Jornal independente, litterario, illustrado e annunciador — Tiragem 10:000 exemplares — Distribuição gratuita.

É director e proprietario d'este novo periodico o sr. Armando de Araujo, que tem conseguido tornar interessante e curiosa esta sua publicação, inserindo seleta collaboração, a par de uma desenvolvida secção de annuncios das casas commerciaes e industriaes mais importantes de Lisboa, que valiosamente teem coadjuvado a iniciativa d'aquelle nosso presado collega.